

AFECÇÕES QUE ACOMETEM SERPENTES CATIVAS MAIS FREQUENTEMENTE – Revisão Bibliográfica

Gabriela Odorcick dos Santos

Graduanda em Medicina Veterinária,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Gian Riccardo Ortunho Galli

Doutor em Medicina Veterinária, Área Doenças Infecciosas dos Animais Selvagens –
UNESP; Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS.

RESUMO

Artigo elaborado a partir de pesquisas bibliográficas e tem como objetivo principal informar à quem for de interesse sobre as principais afecções que atingem as serpentes cativas. Criar serpentes é uma atividade muito prazerosa para quem aprecia este animal, mas quando o manejo não é feito de forma correta o animal corre sérios riscos de adquirir alguma patologia. A maioria das afecções não é simples e podem, inclusive, levar o animal à óbito. Como geralmente as doenças e condições não infecciosas que acometem esses répteis estão relacionadas ao manejo inadequado são fáceis de prevenir. A prevenção dessas possíveis patologias e condições não infecciosas é uma forma de garantir que o animal viva da melhor forma possível e em harmonia com seu proprietário. É sempre importante lembrar que prevenir é melhor do que tratar, os cuidados na criação e no bem-estar de animal, portanto, são essenciais para garantir que o réptil tenha uma vida saudável e com qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: ofídios; doenças; manejo; prevenção; tratamentos.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, existem cerca de 2.900 espécies de serpentes no mundo, sendo que as da família *Boidae* são as favoritas pelos criadores, por não possuírem peçonha. As serpentes estão classificadas na Ordem *Squamata* e compõe a Subordem *Ophidia*. Elas podem ser encontradas em quase todas as partes do globo, exceto nos pólos, habitando principalmente as regiões temperadas e tropicais, pela sua dependência do calor, já que elas são animais ectotérmicos. A ectotermia é uma das características mais importantes dos répteis, pois afeta grande parte de sua fisiologia.

Criar serpentes é uma atividade prazerosa para quem aprecia este animal, quando é feita de forma incorreta o animal corre sérios riscos de desenvolver alguma patologia. Os cuidados na criação e no bem-estar do animal, portanto, são essenciais para garantir que o réptil tenha uma vida saudável e com qualidade.

A maioria das patologias encontradas em serpentes é decorrente de manejo deficiente, tais como terrário e substratos inadequados, alimentação deficiente, falta

de higiene e de controle de parasitas. As doenças infecciosas são descritas como as principais causas de mortalidade em serpentes. Apesar disso, as doenças e condições não infecciosas afetam um grande número desses animais e também podem levar a óbito.

2 OBJETIVOS

O objetivo principal desta revisão bibliográfica é informar à quem for de interesse sobre as principais afecções que atingem as serpentes cativas, buscando proporcionar aos tutores maiores informações de como prevenir e tratar possíveis patologias e aos animais uma melhor qualidade de vida.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração desta revisão bibliográfica foram selecionadas 10 (dez) fontes de pesquisa, variando entre livros, revistas e sites; com período de publicação do ano 2000 à 2011. Durante a pesquisa, foram consultadas mais de 20 (vinte) fontes, porém somente as que possuíam conteúdo mais relevante e confiável foram escolhidas.

4 AFECÇÕES E CONDIÇÕES NÃO-INFECCIOSAS QUE ACOMENTEM AS SERPENTES COM MAIS FREQUÊNCIA

As serpentes sempre foram motivo de grande misticismo, superstição e medo para os seres humanos. De todos os grupos de animais terrestres, as serpentes são um dos mais perseguidos pelos seres humanos, principalmente porque algumas espécies podem causar acidentes graves. No entanto, a maioria das espécies brasileiras é inofensiva. Mesmo grandes serpentes como a sucuri, que geralmente não causam acidentes graves em humanos, são atacadas e mortas quase sempre que existe contato (MELGAREJO-GIMÉNEZ, 2002).

O contato de serpentes e outros animais com os seres humanos vêm aumentando nas últimas décadas, principalmente na região da Amazônia Legal, pela supressão desenfreada de ambientes naturais, devido à expansão de fronteiras agrícolas para implantação de grandes lavouras, desmatamentos, desaparecimento

de presas naturais e implantação de grandes lagos artificiais de usinas hidrelétricas, fatos que podem, a médio e longo prazo, ocasionar a extinção de diversas espécies (MELGAREJO-GIMÉNEZ, 2002).

Normalmente, as serpentes reagem com imobilidade à aproximação de seres humanos, que aliada à coloração de camuflagem, fazem com que passem despercebidas, porém em casos de contato direto, elas podem adotar diversos comportamentos de defesa (BASTOS, 2005).

No Brasil, as famílias de maior interesse mantidas cativas são a *boidae* (cobra-papagaio, sucuri, jiboia e salamanta e pítons) e a *colubridae* (falsas corais, cobra d'água e serpentes exóticas). As grandes serpentes da família *Boidae* podem emitir sons oriundos da inspiração e expiração vigorosa de ar, podem simular botes, realizar descargas cloacais, posicionar a cabeça debaixo das voltas do corpo, e em caso de captura podem empregar mordidas vigorosas (ATHAYDE, 2007).

A principal causa de afecções em serpentes cativas não peçonhentas é a síndrome da má adaptação, que pode levar mais de 80% dos animais com menos de dois anos a óbito. Essa síndrome pode desencadear nos animais falta ou inibição total de apetite; emagrecimento, mesmo sendo alimentada; fragilidade dos tecidos que resulta em ulcerações cutâneas nos pontos de maior fricção e maior suscetibilidade a parasitoses e infecções causadas por microrganismos patogênicos.

Na maioria das vezes, essas afecções aparecem no período mais chuvoso do ano, devido à alta umidade e baixa temperatura, pois o animal está com baixo metabolismo e desenvolve patologias como pneumonia e estomatite, principalmente. Além disso, o manejo deficiente também é um fator de risco para a saúde desses animais.

O controle correto da temperatura do recinto é um dos fatores fundamentais, já que as serpentes são ectotérmicas. Ectotermia significa que o ganho de temperatura corporal do animal ocorre através de fontes de calor externas. No caso das serpentes elas tendem a escolher locais em que as temperaturas sejam mais adequadas ao seu metabolismo e também costumam utilizar modificações de posturas corporais ou de posição em que se encontram em relação a fonte de calor (GALDINO, 2010).

Se não fosse pela termorregulação, que é o processo de regulação da temperatura corporal, a temperatura dos répteis tenderia a subir conforme as

temperaturas ambientais aumentassem. Todavia, o que se nota é que ela relativamente estabiliza em um determinado valor. Este valor de temperatura é considerado como aquela ideal para grande parte das reações metabólicas que ocorrem no animal (GALDINO, 2010). Por isso, é fundamental que o criador tenha conhecimento adequado sobre o manejo correto desses répteis. Conforme as técnicas de manutenção de serpentes cativas se aprimoram, a expectativa e qualidade de vida desses animais crescem.

4.1 Estomatite

A estomatite é uma inflamação no estômago do animal causada principalmente pelas bactérias *Aeromonas hydrophila*, *Pseudomonas spp* e *Klebsiella*. Suas principais causas são falhas no manejo nutricional do animal como: alimentos deficientes em vitamina C, carnes estragadas, animais em estado de decomposição e não adequados ao réptil. Deficiência no aquecimento no cativeiro ou recinto também contribui para deixar o animal suscetível a essa infecção. Os sintomas mais comuns são: aumento dos vasos sanguíneos na tentativa de sanar o problema naturalmente, ulceração da mucosa oral e lesões na gengiva e alvéolos dentários (BARRETO et al., 2009).

A estomatite pode ser tratada com a antibioticoterapia à base de Enrofloxacin para que produza resultados satisfatórios. Goulart (2004) relata que os antibióticos locais são utilizados associados aos sistêmicos porque usados separadamente não chegam a níveis adequados na corrente sanguínea em razão da diminuição na circulação local da lesão.

4.2 Pneumonia

A pneumonia é a principal causa de problemas respiratórios em serpentes cativas, já que suas características anatômicas e fisiológicas favorecem a retenção de secreções tornando-as mais sensíveis (MURRAY, 1996 apud ATHAYDE, 2007). Pode ser causada por *Klebsiella pneumoniae*, *Aeromonas hydrophila*, *Pseudomonas*, *Proteus* e *Peptostreptococcus*, que podem causar a morte desses répteis.

Os sintomas incluem apatia, anorexia, falta de ar, estertores respiratórios, respiração pela boca, coriza, contrações intercostais, perda de equilíbrio na natação

e emaciação crônica, que causam problemas sérios em seu sistema respiratório. Sendo as serpentes mais velhas as que desenvolvem este quadro mais facilmente. O diagnóstico pode ser feito com Swabs ou lavado laríngeos para isolamento da bactéria (MELGAREJO-GIMÉNEZ, 2002).

Outro possível agente causador dessa enfermidade, é conhecida como pneumonia fúngica, causada por uma infecção generalizada que pode levar o animal à óbito rapidamente. Existem vários agentes, *Aspergillus*, *Beauvaria*, *Geotrichum*, *Mucor*, *Cladosporium* e *Paecilomyces* como causa da infecção, e a maioria dos casos é granulomatosa, ou seja, com desenvolvimento de nódulos característicos e lesões nas placas do epitélio, além de certo grau de consolidação e necrose pulmonar. As serpentes são mais resistentes a esse tipo de patologia (MELGAREJO-GIMÉNEZ, 2002).

4.3 Ectoparasitose

Serpentes são hospedeiros intermediários, paratênicos e definitivos de vários endoparasitas, a nocividade do parasitismo é mais acentuada quando esses répteis são mantidos cativos, pois o estresse a que são submetidos acaba deprimindo seu sistema imunológico deixando-os assim, muito mais suscetíveis as consequências do parasitismo e outras patologias (ALMAÇA, 2009).

O ectoparasita mais comum em serpentes é o *Amblyomma*, e este possui grande importância na saúde pública, pois muitas espécies são relatadas parasitando seres humanos além de desempenharem o papel de vetores de agente patogênicos, como por exemplo, micro-organismos responsáveis pela febre maculosa, babesiose e borreliose (ALMAÇA, 2009).

Os sintomas são: a presença dos parasitas no rebordo da cavidade ocular e região periocular, ao longo do corpo e no ventre. Podem levar à dermatites focais, à severas patologias sistêmicas pela inoculação de toxinas, levando a serpente à óbito. O tratamento para ectoparasitas varia entre retirada manual dependendo do grau de infestação, aplicação de Ivermectina, Fipronil ou banho com Trichlorfon, além de tratar o ambiente com Amitraz (ALMAÇA, 2009).

O controle parasitário nesses animais deve ser realizado duas vezes ao ano, pelo menos, usando como bases medicamentosas Diabendazol, Mebendazol e Ivermectina, esse último (BARBOSA et al., 2006).

4.4 Traumatismos

Diversos traumatismos podem ocorrer em serpentes, como pancadas e lacerações por ocasião da captura e manejo inadequado; lesões ocasionadas por roedores; luxações e fraturas causadas por manejo e contenção feitos de forma errada ou tentativas de fuga do recinto, entre outros. A gravidade depende da extensão e localização da lesão (BARRETO et al., 2009).

Inúmeras consequências devido aos traumatismos são geradas, como: prostração; desidratação; anorexia, devido ao estresse causado pela captura; formação de abscessos; necroses; nos casos mais graves hipovitaminose, causada pela inanição prolongada, e até mesmo septicemia que levará o animal a óbito (ATHAYDE, 2007).

O diagnóstico deve ser baseado em anamnese e exame físico completo, além de diagnóstico por imagem, quando existe suspeita de fratura. O tratamento varia de acordo com o tipo de traumatismo, as lesões ocasionadas por roedores, por exemplo, devem ser desinfetadas e após isso se deve fazer uso de clorexidina e *Aloe vera* sobre as lesões, seguido de curativo que deve ser trocado, pelo menos duas vezes ao dia, até que as feridas não possam mais serem vistas (BARRETO et al., 2009).

4.5 Anorexia

Primeiramente, deve-se entender que a anorexia é um sinal clínico, e não uma doença, que pode ser definido como a diminuição ou perda total do apetite, sendo que em serpentes cativas, ela pode estar associada a inúmeras causas infecciosas e não infecciosas (PARANZINI et al., 2008).

Para um diagnóstico correto, este comportamento precisa ser devidamente classificado como fisiológico ou patológico, já que existem situações em que o animal não irá se alimentar, como por exemplo, em períodos de hibernação, como pode acontecer em algumas espécies ou em fêmeas em avançado estado de gestação, ou a época em que ocorre a ecdise, que é a troca de pele. Não sendo uma situação fisiológica natural, devem-se investigar as possíveis causas (PARANZINI et al., 2008).

Na grande maioria dos casos, a anorexia está relacionada diretamente ao manejo inadequado, exemplos comuns dos principais erros cometidos na manutenção de répteis cativos são temperatura baixa, dieta inapropriada, ambiente

inadequado e estresse. Portanto, é preciso que o criador esteja atento às condições do recinto, assim como se o substrato está correto e se o alimento é servido de acordo com os hábitos da espécie que está cativa. Outras possíveis causas não infecciosas de anorexia em serpentes são retenção de ovos, ingestão de corpos estranhos e a já citada, síndrome da má-adaptação (PARANZINI et al., 2008).

Já as causas infecciosas mais comuns são: desordens gastrintestinais de origem bacteriana; estomatite; afecções virais como paramyxovírus, adenovírus e herpesvírus; parasitoses por cestódeos, nematódeos e protozoários, principalmente pelo *Cryptosporidium* sp. e pneumonia bacteriana (PARANZINI et al., 2008).

O diagnóstico da causa da anorexia deve ser baseado em anamnese e um exame físico completo, além de exames laboratoriais como hemograma; exame coproparasitológico; cultura e antibiograma de possíveis secreções ou fezes; radiografiaseultra-sonografia, em suspeitas de pneumopatias, distocias e ingestão de corpos estranhos, e endoscopia com biópsia, que devem ser solicitados conforme a suspeita clínica (PARANZINI et al., 2008).

4.6 Disecdise

Nas serpentes, ao contrário dos sáurios, a troca da pele é total e cerca de uma semana antes da ecdise os olhos ficam opacos. Neste período a serpente dificilmente alimenta-se. A muda inicia-se na ponta na linha labial, sendo que uma lesão nesta área pode comprometer a ecdise. A muda ou ecdise ocorre periodicamente (MELGAREJO-GIMÉNEZ, 2002).

A serpente esfrega-se contra objetos para se desprender da pele. Antes da muda mostram-se apáticas e permanecem frequentemente dentro d'água, por este motivo, é fundamental que o criador forneça um recipiente que permita a total imersão da serpente na água. A muda reflete o estado de saúde. Cuidados especiais devem ser direcionados aos olhos e cauda (MELGAREJO-GIMÉNEZ, 2002).

Disecdise são complicações no durante o processo de muda que são causadas principalmente por temperatura e umidade relativas do ar inadequadas por conta do manejo incorreto, além de desidratação. A umidade relativa do ar sendo insuficiente pode dificultar a ecdise, ocorrendo retenção de porções de pele que levam a necroses localizadas (ATHAYDE, 2007).

O tratamento da disecdise pode ser feito corrigindo as condições do ambiente; removendo manualmente a pele restante, sendo que para isso o réptil

deve ser imerso por algum tempo em água morna para facilitar o processo e evitar possíveis lesões. Deve-se também observar os escudos oculares, pois caso eles não que desprendam naturalmente, devem ser removidos com auxílio de uma pinça (ATHAYDE, 2007).

4.7 Gota Úrica

Devido à fisiologia dos répteis ser primitiva, a gota úrica torna-se um problema muito sério, pois são mais propensos a esta afecção que os mamíferos (MADER, 1996; OLIVEIRA, 2003). O ácido úrico se cristaliza, nos fluídos corporais e se deposita em vários tecidos. Esta cristalização quando presente nas articulações sinoviais resulta em inflamação aguda e dolorosa, esta condição é chamada de gota artrítica. Quando os cristais se alojam ao redor das articulações dá-se o nome de gota periarticular e quando acomete os tecidos internos ou no subcutâneo chama-se de gota visceral.

A forma mais comum nesses animais é a visceral e está associada alimentação com grandes quantidades de proteína animal (FRYE, 1991). Porém vários outros fatores contribuem ao desenvolvimento da gota, como a diminuição na temperatura, insuficiência renal e consumo excessivo de alimentos ricos em purinas (MADER, 1996; SCOTT, 1992).

Os sinais clínicos podem ou não estar presentes. Mas constata-se normalmente apatia, anorexia, desidratação e inchaços articulares (OLIVEIRA, 2003). O ácido úrico depositado nas articulações conduz desde dificuldades de locomoção até a morte do animal (FRYE, 1991; SANTOS, 1997; SCOTT, 1992).

O diagnóstico é baseado na história e no exame clínico. A dieta, disponibilidade de água, temperatura ambiente e a umidade, são fatores a serem considerados na anamnese. Dependendo do estado de saúde do animal durante a coleta, amostras laboratoriais podem não demonstrar hiperuricemia. Radiografias podem revelar lesões ao redor das articulações. Pode ser notado cálculo renal, se o mesmo for composto de cálcio. O diagnóstico definitivo de gota é feito através da demonstração dos cristais de urato monossódico nas articulações dos pacientes afetados (FRYE, 1991; MADER, 1996).

Para o tratamento da gota úrica, devem ser feitas correções da temperatura ambiente, oferecer ao animal uma dieta apropriada e garantir sempre o acesso fácil à água limpa e fresca. Em adição, a utilização correta de medicamentos,

especialmente os antibióticos, previnem lesões renais e a formação secundária da gota (SCOTT, 1992; MADER, 1996; MESSONIER, 1999; OLIVEIRA, 2003). Santos (1997) sugere jejum de uma semana a 10 dias para corrigir o problema nestes animais.

O prognóstico do paciente severamente acometido é desfavorável. Não há cura para este distúrbio. Quando diagnosticada precocemente, a gota pode ser manejada e o paciente pode viver confortavelmente (MADER, 1996; OLIVEIRA, 2003).

4.8 Obesidade

A obesidade é um problema comum nos répteis mantidos em cativeiro, pois estes têm alimentos sempre à disposição, algo que dificilmente ocorre na natureza (FRYE, 1991; SCOTT, 1992; MADER, 1996; OLIVEIRA, 2003).

Hernandez-Divers (2006) acrescenta ainda que a obesidade tem maior prevalência em saúrios, serpentes e outros carnívoros que são alimentados com a presa toda, porém não se exercitam o suficiente. O excesso de consumo de calorias leva ao rápido crescimento em animais jovens e a obesidade em adultos, que acumulam grande quantidade de tecido adiposo no celoma, no subcutâneo, intramuscular, na face e órgãos parenquimatosos (FRYE, 1991; SCOTT 1992; MADER, 1996; OLIVEIRA, 2003).

O problema da obesidade extrema é que pode interferir na atividade física e contribuir para a infertilidade (OLIVEIRA, 2003). Mortes agudas foram vistas em serpentes de grande porte devido à esteatose ou, como é popularmente conhecida, a síndrome do fígado gorduroso (OLIVEIRA, 2003; SCOTT, 1992).

O tratamento é simples, deve-se reduzir a quantidade de alimento por refeição bem como a frequência das refeições, sempre mantendo uma suplementação vitamínica adequada. Além de oferecer presas vivas para que a serpente tenha que se exercitar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos todas as informações obtidas, podemos concluir que pelo menos 90% das afecções e condições não infecciosas que acometem as serpentes cativas estão intimamente relacionados ao manejo incorreto, sendo assim, fáceis de

prevenir desde que o criador tenha as informações e conhecimento necessário para proporcionar uma vida saudável à serpente.

REFERÊNCIAS

ALMAÇA, F. A. Principais Doenças e Complicações. Online. Disponível em: <http://mundorastejante.blogspot.com.br/2009/03/principais-doencas-e-complicacoes> Acesso em: 19 de maio de 2017

ATHAYDE, G. C. Tratamento de lesões traumáticas em sucuri (*Eunectes murinus*), 2007. 15 f. Trabalho de Conclusão de curso de Pós-graduação (Clínica Médica e Cirúrgica em Animais Selvagens e Exóticos) Universidade Castelo Branco, Imperatriz.

BARBOSA, A. R.; SILVA, H.; NEVES DE ALBUQUERQUE, H.; RIBEIRO, I. A. M. Contribuição ao estudo parasitológico de jibóias, *Boa constrictor constrictor* Linnaeus, 1758, em cativeiro. Revista de Biologia e Ciencia da terra. V. 6, p. 2.

BARRETO, U. H. A.; RUIVO, L. V. P.; GUIMARÃES, C. D. O.; EVERTON, E. B. Online. Disponível em: <http://www.sovergs.com.br/site/38conbravet/resumos/931.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2017

GALDINO, C. Um Pouco Sobre Ectotermia: A Temperatura Corporal Dos Répteis. Online. Disponível em: <https://blogdonurof.wordpress.com/2010/11/28/um-pouco-sobre-a-ectotermia-temperatura-corporal-nos-repteis/> Acesso em: 28 de maio de 2017.

GOULART, C. E. S. Herpetologia, herpetocultura e medicina de répteis. Rio de Janeiro: LF Livros, p.329. 2004.

HOGUE, A. R.; FEDERSONI, P. A. Manutenção de Serpentes em Cativeiro. Biotério, v.1, p.63-73. 1981.

KOLESNIKAVAS, C. K. M.; GREGO, K. F.; ALBUQUERQUE, L. C. R. Ordem Squamata – Subordem Ophidia (Serpentes). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; PIRES

MELGAREJO-GIMÉNEZ, A. R. Criação e Manejo de Serpentes. Online. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/sfwjtj/pdf/andrade-9788575413869-25.pdf> Acesso em: 17 de maio de 2017.

PARANZINI, C. S.; TEIXEIRA, V. N. Online. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/viewFile/1516/1453> Acesso em: 20 de maio de 2017.